

A LEITURA E O LEITOR DO LIVRO O OLHO DE VIDRO DO MEU AVÔ, DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS

BERTA LÚCIA TAGLIARI FEBA (UNIESP - FAPEPE).

Resumo

A obra "O olho de vidro do meu avô" (2004), de Bartolomeu Campos de Queirós, apresenta ao leitor a história de um menino que ficava imaginando os mistérios escondidos atrás do olho de vidro de seu avô Sebastião. Em várias passagens do livro, o narrador–personagem questiona–se sobre o que pode visualizar o olho de vidro, porém são latentes a proteção e o carinho que sente ao lado do avô. Por meio da linguagem do olhar, os dois se relacionam afetuosamente, mas de forma emudecida, talvez pelos segredos guardados naquele olho de vidro. São essas dúvidas do neto que levam o leitor a participar da história por meio da imaginação e das experiências de seu cotidiano, dando vida ao que lê. Com isso, os variados sentidos que emergem da leitura dependem do trabalho do leitor, uma vez que é esta a instância responsável pelo processo de atualização da obra. Assim, esta comunicação tem o intuito de analisar o leitor implícito e os espaços vazios deixados pelo texto literário, objetivando também apresentar as estratégias que no livro estão inseridas, nas quais se organizam em prol da participação do leitor na produção de significados. Nossa apreciação revela a narrativa como um espaço determinante de interação entre texto e leitor e marcado pela polissemia, suscetível a novas interpretações e possíveis desdobramentos.

Palavras-chave:

Literatura infanto–juvenil, Bartolomeu Campos de Queirós, Leitor.

A literatura simula a vida, não para retratá-la, mas para permitir ao leitor que dela participe.

(ISER, 1999, p. 42)

A atualização da obra literária depende do trabalho do leitor que, por sua vez, depende os variados sentidos emergentes do ato da leitura. Nesse âmbito, temos o objetivo de analisar a participação do leitor de *O olho de vidro do meu avô* (2004), de Bartolomeu Campos de Queirós, bem como o de observar os espaços vazios deixados pelo texto literário. Almejamos, igualmente, apresentar as estratégias inerentes ao texto, que se organizam e promovem a participação do leitor na produção de significados.

O livro, basicamente, apresenta ao leitor a história de um menino que ficava imaginando os mistérios escondidos atrás do olho de vidro de seu avô Sebastião. Curioso, o narrador–personagem questiona–se sobre o que o olho de vidro pode visualizar e, majestosamente, conta experiências da infância vividas na casa do avô e leva o leitor a participar da história por meio da imaginação e das experiências de seu cotidiano, dando vida ao que lê.

Iser (2002) explica que concebe o texto como o "campo do jogo", sendo fruto da intencionalidade do autor acerca de um mundo a que faz referência e intervém. Dessa forma, "o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, interpretá-lo." (p.

107) Durante a leitura, o leitor faz a operação de imaginar e interpretar, visualizando as formas do mundo que o cerca e, conseqüentemente, o mundo que estava sendo representado no texto passa a sofrer modificações. Com isso, por ser uma ficção, o texto não pode ser pensado como uma realidade, mas como uma representação, ou seja, um jogo entre o que é e o que parece ser.

O que acontece entre o texto e o leitor é a questão essencial na qual Iser (1999) fundamenta suas palavras. Para ele, o livro só adquire vida quando é lido e, para ser analisado, precisa ser percebido pelo ponto de vista do leitor. A fim de explicar esse processo o autor descreve a leitura como a transformação de signos emitidos pelo texto realizada pelo leitor. Com isso, se o significado está oculto no texto, por que precisaria mudar a cada leitura se já fora identificado em algum momento?

Sobre esse aspecto, é válido ressaltar que os múltiplos significados dos textos literários são decorrentes de uma interação entre o texto e o leitor e não provém do que está oculto nas palavras neles inerentes, esperando por uma interpretação única e assertiva. Logo, podemos afirmar que os significados dos textos demonstram uma experiência individual do leitor, sendo esta a discussão proposta neste trabalho.

Yunes (2002) salienta que, para falar em leitura, em interpretação e em sentido, torna-se indispensável tomar consciência da linguagem, um grandioso recurso de comunicação e expressão. Ler, ainda, "é solidarizar-se pela reflexão, pelo diálogo com o outro, a quem altera e que o altera" (YUNES, 2002, p. 32). Com isso, para que as práticas de leitura causem efeitos transformadores, o leitor precisa reconhecer o interlocutor como um outro eu, precisa ser solidário com o direito de dizer, de pensar e de querer do outro, mesmo que as concepções sejam diversas das suas.

Para explicar a relação entre texto e leitor, Iser (1999) faz uma divisão em três estágios do processo. O primeiro diz respeito às qualidades do texto literário que o torna diferente dos demais; o segundo trata dos efeitos suscitados pelos textos literários; e, por fim, apresenta a indeterminação como um fator fundamental para a resposta do leitor, a qual não permite referência a situações idênticas às da vida real. Para ele, a natureza do texto literário

difere de outras formas de escrita, porque não escreve sobre objetos reais nem os constitui [...], diverge das experiências reais do leitor, na medida em que oferece enfoques e abre perspectivas nas quais o mundo empiricamente conhecido de nossa experiência pessoal aparece mudado. (ISER, 1999, p. 8)

Condições formais do texto propiciam o surgimento de indeterminações. Essas, por sua vez, não têm definição final, mas resultam da perspectiva individual do leitor. Com isso, o texto tem lacunas que não são defeitos, mas elementos básicos para que ocorra uma "resposta estética" (ISER, 1999, p. 11) pelo leitor. Para que complete essas lacunas, o leitor participa do texto por meio da projeção de sentidos e da realização das conexões, vivenciando impressões diferentes durante a segunda leitura de uma obra literária ou de um filme, por exemplo.

Para Iser (1999), é o narrador o responsável por acertar a distância entre o leitor e aos eventos narrados, produzindo o efeito da história. Em *O olho de vidro do meu*

avô o leitor tem as informações suficientes para se manter interessado pelo texto, mas é função deste narrador em primeira pessoa deixar os espaços para o leitor fazer as inferências que deverão ser retiradas das informações transmitidas. Desse modo, os espaços vazios estimulam a imaginação do leitor e o levam a continuar a leitura, notando as antecipações feitas pelo narrador.

Narrado em primeira pessoa, o livro conta a história de um menino que queria saber quais mistérios estavam escondidos nos olhos de seu avô. Essa característica lembra um diário pessoal, local onde são escritos fatos cotidianos e relevantes, que marcam a vida e se fazem importantes ao longo dos anos.

Os capítulos não são titulados, tampouco numerados, mas separados por um espaço e um traço entre um episódio e outro, sem muita ordem cronológica. Essa construção é própria da memória, na qual não há uma sequência lógica, mas uma retomada de fatos que vêm à tona e são lembrados em um plano psicológico.

Diferentemente de muitos textos publicados para o jovem, o narrador em primeira pessoa aqui deixa espaços para o leitor preencher pelo fato de não tecer comentários avaliativos ou por não fazer explicações diretas, não propiciando, portanto, uma concepção uniforme da narrativa. Justamente por ser aberto, o livro propicia movimentos cooperativos entre o texto e o leitor, permitindo a leitura compreensiva da criança.

O título pode atender ou frustrar as expectativas do leitor, por completá-lo ou por fragmentá-lo, forçando a criança a juntar as ocorrências e a compreender o que é comum. *O olho de vidro do meu avô* não contradiz totalmente as possibilidades de ligação entre o título e o conteúdo do texto, mas desafia o leitor a explorar suas variáveis de sentido. Desde o início da narrativa já se sabe que o acesso será a uma história que contará fatos das relações entre a infância de um menino e seu avô, que tinha olho de vidro, inferindo sobre o que poderá ser encontrado no texto. Ainda que o título dê uma ideia do que abordará esta história, o leitor deverá estabelecer relações e recuperar os elos perdidos que não conseguiu perceber em um primeiro momento. Com isso, participa do texto, comprovando ou não as inferências feitas antes da leitura e "é através desses mesmos conflitos, e do confronto com o arranjo de diferentes possibilidades, que o leitor desse texto tem a impressão de que algo lhe acontece" (ISER, 1999: p. 35).

Os textos literários resistem ao tempo e são perenes, aspecto explicado por Iser (1999) pelo fato de terem uma estrutura que permite ao leitor adentrar-se no mundo ficcional. Neles, os leitores vivem sensações que não seriam possíveis na realidade do cotidiano, por isso "a cada novo texto, aprendemos não apenas sobre o que estamos lendo, mas também sobre nós mesmos, e esse processo é mais efetivo se o que supõe que devemos experienciar não está explicitamente declarado, mas deve ser inferido". (ISER, 1999,p. 42)

Em epígrafe a esse livro, Queirós apresenta: "A infância já não existe presentemente, existe no passado que já não é" (QUEIRÓS, 2004, p. 4). A frase leva o leitor a pensar que esta será uma narrativa que retomará a infância como em outras obras do autor: *Por parte de pai e Indez*. Assim como nessas duas obras citadas, o livro selecionado também apresenta uma personagem que revive as experiências da infância na casa do avô, fazendo uma volta ao passado que não se torna presente como tempo cronológico, mas em suas lembranças. Pelo modo de narrar, temos a impressão de que os fatos marcaram a infância da personagem e ainda parecem muito recentes.

O menino era curioso e guardava na memória as minúcias dos fatos ocorridos. Um exemplo é o dia que estava no quintal com seu avô embaixo de um pé de jabuticabas. Para o menino, eram milhares de olhos pretos espiando-o e convidando-o a saboreá-los. Depois, compara os olhos azuis de seu avô ao mar e explica que "ver o mar com olhos azuis é o mesmo que ver a noite com olhos pretos" (QUEIRÓS, 2004, p.17), ou seja, não causaria emoção. Diz que tinha vontade de conhecer o mar e, metaforicamente, gostaria de entender o misterioso olhar de seu avô que muitas vezes era também bastante distante. Afirma, também, que ficava pouco tempo na casa do avô, só que, apesar disso, acabava descobrindo fatos confusos, mas que a memória o fazia "costurar mais tarde" (QUEIRÓS, 2004, p.17). Essas recordações causam o efeito de saudade ou mesmo de nostalgia no leitor e fazem com que se lembre de acontecimentos simples de criança. Não importa, todavia, a idade da infância do leitor, se é o presente da leitura ou o passado rememorado porque, ao ler o livro, as mesmas sensações são incorporadas pelas lembranças dos momentos vividos que soube aproveitar com avós.

Ao comparar os olhos do avô com o mar dizendo que "todo mar é belo porque é grande demais" (QUEIRÓS, 2004, p.06) o narrador faz com que, por meio da metáfora, o leitor imagine toda a beleza, a imensidão e a profundidade do mar com o olhar do avô, suas vivências cheias de sonhos, partidas, chegadas, viagens, sentimentos, lembranças. Aqui, os olhos do avô, assim como o mar, são mutantes, brilhantes e profundos.

A imagem do mar também é utilizada para expressar a grandiosidade da responsabilidade do avô, como "morava entre um mar de montanhas, um mar de filhos, um mar de paixão e um mar de dúvidas" (QUEIRÓS, 2004, p.06) e para dizer que ele criou todos os filhos respeitando as singularidades e as características de cada um diz que o avô teve sete filhos, "um filho para cada dia da semana, ou para cada fase da Lua, ou para cada cor do arco-íris, ou para cada nota musical" (QUEIRÓS, 2004, p. 19).

Tentando entender o olho do avô, o menino brinca com as expressões "olho gordo" , "olhar de peixe-morto", dizendo que não era assim, mas o compara com "um olhar de poeta" (QUEIRÓS, 2004, P.14). O leitor, então, precisa se perguntar: como é o olhar do poeta? O que o poeta pode ver que os outros não? E o avô, o que ele vê que os outros não vêem? O que esconde aquele olho misterioso, sem vida? Em seguida, explica que o poeta é aquele que olha "para depois de tudo" (QUEIRÓS, 2004, p. 14). Apesar de dar uma resposta, o livro não fecha a interpretação, pois o leitor pode fazer outras questões: e como é olhar para além de tudo? Pode completar o texto, então, de acordo com seu repertório de leitura e com suas experiências de vida.

Outro desejo era o de saber se o olho de vidro continha lágrimas. O menino explicava que o avô tinha motivos para chorar, mas não chorava e dizia que não ver o mundo inteiro deveria trazer ansiedade. Isso, todavia, transparece o que o menino sentia e aguça no leitor a vontade de tudo saber sobre esse olho. Como as lágrimas eram cheias de dizeres para ele, é como se elas o alimentassem da vontade de conhecer melhor o avô, e salienta: "A lágrima sempre salgou meu sofrimento com seu mistério" (QUEIRÓS, 2004, p.16).

Incertezas e deduções do menino fazem com que o leitor siga a linha textual construída. Esses pensamentos de criança, que são vastos e misteriosos, somente o leitor pode vivenciar com a personagem durante a leitura. Assim como o menino, que tem seus segredos percebidos, mas não transpassados no texto, é também o leitor, que tenta completar os espaços do texto e supor quais são esses mistérios.

Para ele, o avô "via a vida por inteiro" (QUEIROS, 2004, p. 05), embora tivesse um olho só, além de acreditar que "O pensamento vê o mundo melhor que os olhos" (QUEIRÓS, 2004, p. 05), ao ficar observando o olhar parado de seu avô. Ninguém falava no olho e, como relata o menino, parecia nem existir, mas o olho provocava-lhe receio e atração ao mesmo tempo, e conta: "Com o olho direito meu avô via o sol, a luz, o futuro, o meio-dia. Com o esquerdo ele via a lua, o escuro, o passado, a meia-noite." (QUEIROÓS, 2004, p. 8).

De um lado, a lucidez de tudo o que podia enxergar na realidade e, de outro, a imaginação, a experiência, a interpretação da vida. Além disso, um olho simbolizava o lado bom da vida, a claridade, os aspectos positivos e, o outro, fazia vivenciar os problemas, o negativo, as lembranças ruins. Desse mesmo modo é formado o ser humano, por um equilíbrio entre as experiências positivas e negativas da vida.

A literatura amplia a compreensão de nós mesmos e do mundo que nos rodeia, por isso, Candido (1972) afirma que a literatura educa, não como a pedagogia tradicional, mas indeterminadamente, pois ensina à medida que atua na vida, com "altos e baixos, luzes e sombras" (CANDIDO, 1972, p. 805), construindo no leitor uma nova maneira de ver o mundo e de agir perante ele. Assim, os paradoxos devem ser aliados à formação da personalidade sendo importante nesse processo a literatura, uma vez que "humaniza em sentido profundo porque faz viver" (CANDIDO, 1972, p. 806). Oposição muito bem percebida pelo menino ao expor que a bruxa tem dois lados e que "para fazer o mau tem que conhecer o bem" (QUEIRÓS, 2004, p.12).

Segundo Yunes (2002), a literatura proporciona ao indivíduo a iniciação na aventura de ler e de conhecer a partir da experiência de sentir-se autônomo, fazendo reflexões, tomando uma decisão, fazendo escolhas, tornando-se sujeito, pensando o mundo. Para ela, a leitura da literatura abre caminhos para outras aventuras e compromissos, pois o leitor fica em contato íntimo com uma linguagem sedutora, repleta de assonâncias, imagens inovadoras e inusitadas, além de enredos imprevisíveis. A literatura, ainda, mobiliza os sentidos, os afetos, a percepção e a razão do leitor, que é chamado para responder as impressões deixadas pelo discurso. Assim, o compromisso da literatura é tirar o leitor do seu lugar habitual e deslocá-lo para um outro contexto, para pensar de outra forma, para conhecer um sujeito particular.

O jogo com a linguagem e a traquinagem da criança são demonstrados na expressão "por via das dúvidas" (QUEIRÓS, 2004, p. 09). O menino diz que quando adoecia, a mãe chamava o médico, acendia uma vela, escaldava um chá, tudo "por via das dúvidas" e assim se salvou pela dúvida e pela precaução. Explica, ainda, que gosta do avô porque "duvidava do que via" (QUEIRÓS, 2004 p. 09) e "escolhia o que ver" (QUEIRÓS, 2004 p. 09), sendo "impossível desver" (QUEIRÓS, 2004 p. 09) o que já fora visto. Frases que dialogam com a expressão tão conhecida popularmente "o que os olhos não vêem o coração não sente" ou ainda podemos explicar o que fora dito pelo que escolhemos ver e dar importância na nossa vida. O olho verdadeiro trazia muito temor ao menino porque com ele o avô poderia comprovar e confirmar o que enxergava, sendo considerado o olho da verdade. O menino gostava mais do olho de vidro, isto é, o da mentira, por sua hibridez, por não deixar ultrapassar toda a veracidade, por ser também o olho dos encantos. Para ele, a verdade "é uma resposta quase falsa" (QUEIRÓS, 2004 p. 09). Esta parte da narrativa lembra as palavras de Emilia em conversa com Dona Benta: "Verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia" (Lobato, 1994, p. 08).

O intertexto também pode ser reconhecido em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, nos "olhos de ressaca" de Capitu, tão significativos e profundos, que demonstram uma mulher forte e audaciosa. De Edgar Allan Poe, tanto o conto "O gato preto" quanto "O retrato oval" ecoam valores simbólicos. No primeiro, o narrador em primeira pessoa, marca reconhecida do autor, conta que arrancou ferozmente com um canivete o olho do gato e que, depois, enforcou o bichano. Mais adiante, narra que encontra um outro gato, o Pluto, que também tinha sido privado de um de seus olhos. Já no segundo conto, o narrador fixa o olhar na tela na qual está pintando e não percebe que sua amada, aquela que está sendo pintada, morre em sua presença. De tanto deslumbramento com a obra, o pintor não percebeu que perdera a amada que posava para ele, e que as tintas usadas eram as de seu corpo, por isso, afirmou que a obra era a própria vida.

Em conto de Bojunga, "O bife e a pipoca", do livro *Tchau*, os olhos de Tuca, um menino pobre, saltava do rosto a cada mordida que Rodrigo, o menino rico, dava em seu sanduíche. Esse olhar simboliza a necessidade de saciar sua fome e a vontade de comer algo que parecia tão delicioso. A canção "Pela luz dos olhos teus", de Tom Jobim e Miucha, na qual o eu-lírico expressa o encontro de olhares promovido pelo brilho, demonstrando a união desses apaixonados. Intrigantes e enigmáticos também são os olhos de *Monalisa*, de Da Vinci, que parecem seguir quem a observa.

Em "Retrato", Cecília Meireles apresenta ao leitor um olhar vazio, mas também cheio de significado, que demonstra tristeza, amargura e falta de identidade. Para citar mais um exemplo, o belíssimo texto de Saramago, *Ensaio sobre a cegueira*, no qual a população de uma cidade fica cega, menos a esposa de um médico, demonstrando a busca pela retomada da dignidade e a luta pela sobrevivência. Esses olhares, assim como o do avô da história, expõem quem olha e quem é olhado, simbolizando revelação, percepção, conhecimento. São muitos os significados e diversas as obras que ampliariam o debate acerca da importância do olhar.

O jogo sinestésico das palavras pode ser percebido quando o menino relata que o silêncio "se misturava com o cheiro do alho" (QUEIRÓS, 2004, p. 10) que sua avó refogava para fazer o arroz, bem como do aroma do café que "tinha o gosto dos sonhos" (QUEIRÓS, 2004, p. 10) que sua avó fritava.

Muito silencioso, o avô deixava o menino curioso para saber as terras que desvendava, os oceanos que atravessava e o coração que se deitava (QUEIRÓS, 2004, p. 11), mas os dois se envolviam pelo carinho do abraço, em silêncio e explicava: "Não existe um só ruído que o silêncio não escute" (QUEIRÓS, 2004, p. 10). Por isso, o menino explica que aprendeu com o avô que cabia tudo no silêncio.

Todas as tardes o avô saía para passeios. De terno branco e engomado, com uma bengala na mão esquerda, ele ia andando pelo lado direito da rua sem olhar para os lados. A avó, entretanto, ficava reparando na partida e esperava sua volta. Ela ficava sentada à porta da casa em uma cadeira com agulha e tecido nas mãos, bordando flores e ramos, e quando o avô já podia ser visto de volta, ela preparava a comida.

O menino, como os amava, percebia a solidão da avó e, com muito afeto, sentava-se ao seu lado e segurava sua mão. Não pedia para ir com o avô porque "não pensava em invadir seus destino nem destrancar seu coração" (QUEIRÓS, 2004, p. 31). Neste trecho, o olhar significa a cumplicidade do menino com o avô, por saber que não poderia ir junto, recebendo o carinho na sua cabeça, como se estivesse sendo benzido ou abençoado, e enfatiza: "Meu avô estava sempre me

lendo!" (QUEIRÓS, 2004, p. 31). Além disso, o olhar expressa conhecer e guardar o segredo do avô, por respeito a ele e à sua avó.

A trama termina no momento em que o avô não volta de um de seus passeios vespertinos. A avó esperou demasiadamente e teceu várias flores com espinhos presos. Entrou, mas não acendeu o fogo. Meses depois, encontraram restos de linho branco entre árvores e capim, longe da cidade. Acharam, também por perto, o olho de vidro, que ficou de herança para o menino, assim como a história de seu avô.

O livro é composto por um arranjo semântico requintado e, por meio dele, o leitor conhece a despedida, a mudança, o recomeço, a saudade, a alegria. Esse resgate de lembranças do passado exposto pelo menino propicia um aflorar das sensações vividas pelo leitor, fazendo com que identifique temas como a valorização da experiência, da pessoa mais velha, do ensinamento passado de pai para filho, da cultura, do respeito ao ser humano e da vida.

Com a intenção de analisar os elementos constitutivos do texto literário e observar o modo como fora construído, nossa apreciação revela a narrativa de Bartolomeu Campos de Queirós como um espaço determinante de interação entre texto e leitor, marcado também pela polissemia, suscetível a novas interpretações e possíveis desdobramentos.

Referências bibliográficas

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, São Paulo, 24 (9): 803-9, 1972.

ISER, W. A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção. Tradução Maria Ângela Aguiar. **Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS**: série traduções, Porto Alegre, v. 3, n.2, mar. 1999.

ISER, W. O jogo do texto. In: JAUSS, H. R. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. 2. ed. rev. amp. Tradução, seleção e coordenação Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 105-118

LOBATO, M. **Memórias da Emília**. 42. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

QUEIRÓS, B. C. de. **O olho de vidro do meu avô**. São Paulo: Moderna, 2004.

YUNES, E. (Org.). **Pensar a leitura**: complexidade. Rio de Janeiro: PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2002. (Teologia e ciências humanas; 5).